

## Curadoria Educativa e Mediação Cultural em Exposições de Artes Visuais Educational Curatorship and Cultural Mediation in Visual Arts Exhibitions

*Giovane Diniz<sup>1</sup>*

Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG);  
Professor no Centro de Formação Artística e Tecnológica da Fundação Clóvis Salgado (CEFART)  
Email: [giovane\\_diniz@hotmail.com](mailto:giovane_diniz@hotmail.com)



*Celina Figueiredo Lage<sup>2</sup>*

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);  
Profa. do Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Email: [celinalage@gmail.com](mailto:celinalage@gmail.com)



<https://orcid.org/0000-0002-9052-7708>

Recebido em: 07/04/2021 – Aceito em 29/05/2021

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo abordar o tema da curadoria educativa em exposições de artes visuais. Apresenta conceitos sobre a mediação cultural, suas estratégias, metodologias e desdobramentos, possibilitando ver novas práticas para a formação de públicos na contemporaneidade. O estudo buscou abordar a importância das ações educativas, baseadas em pesquisa bibliográfica de autores da área de curadoria e arte-educação.

**Palavras-chave:** Mediação cultural; Curadoria educativa; Artes Visuais

**Abstract:** This article aims to address the theme of educational curating programs in visual arts exhibitions. Presenting concepts about cultural mediation, its strategies, methodologies and developments, making it possible to see new practices for the formation of contemporary audiences. The study sought to address the importance of educational actions, based on bibliographic research by authors in the field of curation and art education.

**Key words:** Cultural mediation; Educational Curation; Visual Art.

### Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa de pós-graduação que aborda a curadoria educativa e a mediação cultural em exposições de artes visuais contemporâneas, para públicos espontâneos no Brasil, observando como as ações educativas podem contribuir para a formação de públicos.

As diferentes formas de manifestações artísticas são capazes de provocar a nossa capacidade perceptiva para os diversos aspectos da vida. Nas artes visuais,

<sup>1</sup>Cursou a Graduação em licenciatura em Artes plásticas, pela Escola Guignard (UEMG). É artista plástico e professor/mediador de Artes Visuais no CEFART  
<sup>2</sup>Pós-doutorado na National & Kapodistrian University of Athens (UOA, Grécia). Ex-bolsista da Fundação Alexander Onassis, Fundação Estadual de Bolsas de Estudo (IKY, Grécia) e CNPq (Brasil). Vice-Presidente do Comitê Brasileiro para a Reunificação das Esculturas do Partenon (Membro do Comitê Internacional para a Reunificação das Esculturas do Partenon).

de modo explícito ou implícito, seu teor crítico, político, conceitual e cultural conseguem provocar reflexões acerca de diversos temas do nosso cotidiano. Nos processos de elaboração de exposições e no planejamento curatorial na atualidade se faz importante pensar também na concepção de uma curadoria educativa visando às práticas de mediação cultural e as demais ações que podem contribuir para a formação de públicos, possibilitando novas experiências e aprendizados aos espectadores.

Com a diversidade de obras e linguagens da arte contemporânea, uma exposição muitas vezes pede um olhar mais atento aos detalhes e materialidades, um olhar mais investigativo. Com a mediação educativa, a autonomia dos públicos pode ser estimulada e provocada por meio da observação e da indagação sobre seus possíveis significados, o que se dá muitas vezes por meio da conversa entre os visitantes e o mediador. Isso pode levar a outras observações e reflexões sobre as obras, gerando interpretações diversas a partir das experiências culturais e conhecimentos trazidos na bagagem de vida de cada indivíduo.

Veremos adiante reflexões sobre como a curadoria educativa e a mediação realizada em exposições de artes visuais, principalmente com obras da arte contemporânea, pode possibilitar aos públicos maior fruição e compreensão das obras na atualidade.

## **Curadoria educativa e mediação cultural em exposições de artes visuais**

Atualmente, cada vez mais os museus e centros culturais vêm realizando diversas ações educativas que buscam atrair públicos para suas exposições. Dentre as ações mais frequentes estão as visitas guiadas e as visitas mediadas, que geralmente têm o acompanhamento de um arte-educador<sup>3</sup> da instituição. As visitas guiadas possuem um caráter mais explicativo, enquanto as visitas mediadas se baseiam no diálogo com os públicos, sendo mais interativas, valorizando a opinião e a percepção dos visitantes. Também costumam ser oferecidas oficinas de arte e palestras relacionadas às temáticas das exposições em cartaz, além da possibilidade de desenvolvimento de ações em diversos outros formatos. Normalmente estas ações são planejadas por um programa educativo que pensa as demandas e as especificidades dos visitantes de uma exposição. Nesse sentido, é preciso compreender como os espaços expositivos são vistos pelos públicos, visando um acolhimento que proporcione aos espectadores boas experiências com os trabalhos em exposição.

As ações educativas podem provocar os públicos a experienciar as obras e colocá-los em contato com sensações de acordo com suas experiências de vida, por meio do diálogo entre as obras, as instituições culturais e os espaços expositivos, refletindo diretamente ou indiretamente questões da contemporaneidade. Para isso o projeto curatorial elaborado pelo curador geral e sua equipe precisa estar atento aos processos de recepção e formação para abarcar os públicos em toda sua diversidade. Sobre a atuação do curador, Alves nos traz o seguinte:

O curador de arte, ao pé da letra, seria aquele incumbido de cuidar, zelar e defender os interesses do artista e dos trabalhos de arte. O curador como se sabe, é o profissional que organiza, supervisiona ou dirige exposições, seja em museus ou nas ruas, em espaços culturais ou galerias comerciais [...] Trata-se de um campo interdisciplinar que envolve noções conceituais, reflexões, tomada de partido, arquitetura, produção, montagem de exposição, designer de interiores e gráfico, contabilidade, iluminação, conservação, setor educativo, editoração e publicação. (ALVES, 2012, p. 43-44)

<sup>3</sup>Termo usado para nomear os profissionais que trabalham com a educação não-formal e realizam ações educativas em museus e centros culturais. Em algumas instituições esses profissionais também são chamados de mediadores.

<sup>4</sup>O termo curadoria educativa, também é referido por alguns autores como curadoria pedagógica.

As atribuições de um curador são muito diversificadas, sendo assim, a presença de uma curadoria geral, na figura do curador, é fundamental na elaboração de uma exposição, no conceito da mostra, na escolha das obras e no projeto expográfico. Partindo das funções de um curador, podemos observar a importância do seu trabalho na elaboração dos conceitos que irão compor o projeto curatorial e como isso pode se refletir nas atividades que envolvem a recepção dos diversos públicos.

## Curadoria educativa

Dentro do planejamento curatorial de uma exposição, com as escolhas de artistas, obras e projeto expográfico, também se faz necessário a composição de uma curadoria educativa<sup>4</sup> que possibilite a construção de uma estratégia para receber os públicos de uma mostra. A curadoria educativa, visa a educação não-formal e a aprendizagem por meio das artes visuais nos museus e centros culturais, proporcionando experiências que podem promover a construção de conhecimentos a partir dos entendimentos diversos que as obras em exposição podem provocar. Segundo Luiz Guilherme Vergara:

Uma Curadoria Educativa tem como objetivo explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. [...] Tornar a arte acessível a um público diversificado é torná-la ativa culturalmente. Esse é um ponto que tem sido crucial de debates e simpósios internacionais sobre museus de arte e sua redefinição. Ação Cultural da Arte implica em dinamização da relação arte/indivíduo/sociedade - isto é, formação de consciência e olhar. (VERGARA, 1996, p.41)

A partir de uma curadoria educativa, que busca compartilhar os contextos e os conceitos das exposições, o programa educativo da instituição pode traçar estratégias que visam atender as demandas dos diversos públicos que visitam os espaços expositivos dedicados às artes visuais. Desse modo, a curadoria educativa visa proporcionar aos públicos acesso aos conteúdos das exposições, dinamizando a arte. Para isso é necessário elaborar mecanismos que amplifiquem as relações entre os públicos, as instituições culturais e as obras de arte em exposição.

A atuação de uma curadoria educativa apresenta fundamental importância na elaboração de metodologias de comunicação com os públicos das exposições. Os processos de formação e concepção dos espaços expositivos e dos conceitos de uma mostra de artes visuais são essenciais para as estratégias de recepção e atendimento aos públicos, criando atividades e espaços para melhor fruição dos trabalhos. Segundo Martins:

A questão da curadoria educativa voltada para o espaço do museu tem sido discutida e esforços são realizados para disseminar a ideia de ação cultural, com preocupações sobre a acessibilidade da arte ao público, principalmente a categorias da sociedade com mais dificuldade de acesso e a dinamização das relações entre instituição cultural que promove a exposição e o público. (MARTINS, 2006, p. 05)

A curadoria educativa, tendo entendimento da estrutura, dos conceitos e do projeto expográfico elaborado pelo curador geral, além de saber quais artistas terão seus trabalhos expostos e de ter conhecimento sobre as obras, pode desenvolver um projeto curatorial pedagógico composto de ações educativas voltadas para os diversos públicos que as mostras podem receber.

Todo o processo de recepção e acolhimento dos públicos de uma exposição pode ser coordenado por uma curadoria educativa, sendo ela responsável por pensar as melhores estratégias para proporcionar aos públicos não só novas experiências com as artes visuais, mas também as múltiplas possibilidades de leituras sobre uma obra e/ou sobre um conjunto de obras em exposição, permitindo um aprendizado sobre questões relacionadas a diversas questões do mundo contemporâneo. Para Luiz Camnitzer:

O curador pedagógico é alguém que não influi na seleção dos artistas. É alguém que atua como um embaixador do público e observa o evento com os olhos do visitante. Foram justamente esses olhos do visitante que nos levaram à conclusão de que é fundamental dar maior permanência e extensão à ação educativa. (CAMNITZER, 2009, p. 15)

Essa visão é importante para se compreender que é necessário dar mais atenção às ações educativas, considerando que os públicos são diversos, e sendo assim, suas interpretações e experiências também serão diferentes. E para melhor compreensão das obras em exposição, um programa educativo, coordenado por um curador pedagógico, se preocuparia em criar metodologias e atividades específicas para cada público. Desse modo, a curadoria educativa pode possibilitar uma maior aproximação entre os públicos, as obras e a instituição responsável pela elaboração das exposições, além de mediar valores culturais através de ações educativas.

Partindo da curadoria geral de uma exposição, podemos pensar a curadoria educativa como uma forma de valorizar as possibilidades educativas de uma exposição. Buscando envolver toda a equipe de curadoria em uma troca de experiências, visando compartilhar os conhecimentos que podem ser gerados nas ações educativas oferecidas aos públicos de forma a acolher de maneira convidativa as pessoas que, “entendidas ou não” de artes visuais, poderiam ter a oportunidade de experimentar e fruir a arte em espaços expositivos.

O uso do termo curadoria educativa não é uma unanimidade entre os teóricos e profissionais da arte-educação. Por exemplo, é visto pela arte-educadora Ana Mae Barbosa como uma forma pedante de tentar valorizar esse tipo de atividade educativa, mas de forma artificial:

Curadoria Educativa não é propriamente preconceituoso, mas é usado para dissimular o preconceito. É só um meio artificial de tentar conferir a mesma importância da educação à curadoria de obras de arte. Para mim, a importância é a mesma, mas não é assim que a elite que comanda os museus pensa. [...] Curadoria Educativa é mais um artifício para nominalmente esconder que devemos tratar em museus de EDUCAÇÃO. Considero o termo curadoria educativa pedante, revelando falta de coragem de se enfrentar o que importa: EDUCAÇÃO. É patética a tentativa de se aliar a um termo de prestígio nos museus para fazer a EDUCAÇÃO ser engolida goela abaixo pelos capitalistas. É tentativa de enganação da EDUCAÇÃO. (BARBOSA, 2008, p.30-31)

O questionamento de Barbosa propõe uma reflexão sobre a necessidade de se defender a importância da educação em uma instituição cultural. O museu ou centro cultural que promove uma exposição tem que valorizar seu papel educacional. Ele tem que pensar sobre os conteúdos apresentados nas obras e valorizar o caráter cultural que as artes visuais podem conter.



A questão da educação nas exposições merece atenção das instituições, sendo que, as ações educativas podem proporcionar aos públicos entendimentos sobre os aspectos educacionais de um museu ou centro cultural, abrangendo públicos diversos e possibilitando as pessoas perceberem e vivenciarem a cultura de uma forma mais significativa, provocando o pensamento crítico e a fruição das artes. As ações educativas, além de proporcionarem a construção de conhecimentos, podem potencializar as experiências nos espaços expositivos, possibilitando aos públicos criarem o hábito de visitar espaços expositivos e culturais.

Os arte-educadores no desempenho de suas funções em uma exposição também podem realizar curadorias educativas, fazendo a seleção de obras a serem visitadas e elaborando recortes temáticos dentro de uma mostra. Sendo assim, as escolhas de obras e de temas a serem abordados em uma visita partem de um planejamento onde alguns conceitos e trabalhos significativos das exposições serão abordados dentro de uma temática, podendo levar os visitantes a perceberem melhor as obras e suas múltiplas interpretações. Isso significaria que eles estariam realizando suas próprias curadorias, visando a questão pedagógica, provocando os públicos a terem novas percepções nos espaços expositivos, ampliando o olhar para além dos conceitos e das imagens, como afirma Martins:

Ampliar o olhar, mais profundo e inquieto, para além do simples reconhecimento de autorias, por meio de uma curadoria educativa provocadora, pode despertar a fruição, não somente centrada na imagem, mas em uma experiência, um caminho que leve a pensar a vida, a linguagem da arte, provocando leitores de signos. (MARTINS, 2006, p. 05)

## Mediação cultural, conceitos e desdobramentos

Segundo Mirian Celeste Martins (2018), a expressão “mediação” nasce do latim *mediatio*, do verbo *mediare* – dividir pela metade, estar no meio, advindo da raiz *med-* (meio). Já a mediação cultural associa à mediação o conceito de cultura gerando novas conexões, tanto na relação com o contexto cultural da obra, como no contexto cultural de quem é tocado por ela. (MARTINS, 2008) A mediação em exposições de artes visuais pode proporcionar aos públicos formas de aproximação com as obras, e essa aproximação se dá muitas vezes pela própria obra, que pode ser investigada a partir da sua materialidade e propiciar descobertas sobre seus significados incorporados. (MARTINS, 2014) Sendo assim, a mediação se faz importante para oportunizar aos espectadores novas experiências, possibilitando aproximações com as instituições, artistas e a arte-educação, por meio da análise das obras e evidenciação sobre os conteúdos que os trabalhos apresentam, como os elementos visuais e conceituais.

As metodologias e estratégias de mediação cultural podem se dar de diversas formas, e uma delas é a relação com os públicos mediada por arte-educadores em visitas às exposições de artes visuais. Muitas vezes a atividade do arte-educador é nomeada na atualidade simplesmente como mediação, e ele é denominado mediador. Segundo Martins, a mediação pode ser compreendida como um “estar entre muitos”:

[...] implica em uma ação fundamentada e que se aperfeiçoa na consciente percepção da atuação do mediador que está entre muitos: as obras e as conexões com as outras

obras apresentadas, o museu ou a instituição cultural, o artista, o curador, o museógrafo, o desenho museográfico da exposição e os textos de parede que acolhem ou afastam, a mídia e o mercado de arte que valorizam certas obras e descartam outras, o historiador e o crítico que a interpretam e a contextualizam, os materiais educativos e os mediadores (monitores ou professores) que privilegiam obras em suas curadorias educativas [...] (MARTINS, 2008, p. 23-24)

Um fato importante sobre esse “estar entre” é que ele pode levar o espectador a ser estimulado, ser provocado a explorar e a buscar formas de vivenciar as obras nos espaços expositivos. A mediação também pode ser uma forma de aproximação, como afirma Martins:

Se a mediação cultural é aproximar o outro da arte, essa aproximação há de ser impulsionada antes pela obra, pela ação do artista como um ‘mostrador e inventor de afectos’ e não pela teoria, pela história da arte ou pelos discursos que comumente distanciam a obra do autor. Talvez seja preciso enfatizar algo que as biografias tão em voga na escola não deixam ver. (MARTINS, 2014, p. 217)

A aproximação com os trabalhos em uma mostra de artes visuais pode ocorrer de modo que o espectador tenha sua curiosidade despertada pela obra e seja estimulado a descobrir seus múltiplos significados. E isso parte de como o encontro com a obra vai acontecer, passando por um projeto de curadoria, que, em conjunto com uma curadoria educativa, planeje expografias e atividades que proporcionem esses contatos com as obras. É preciso pensar a aproximação com os trabalhos com respeito aos públicos e aos arte-educadores que realizam a mediação de uma exposição, pois algumas vezes, eles, os arte-educadores, podem ser vistos como os únicos responsáveis pela aproximação entre públicos e obras. Em certos casos, as pessoas buscam alguém que possa explicar a obra, fazendo com que ela seja entendida racionalmente e que sua compreensão seja facilitada. Isso pode não ser interessante para nenhuma das partes envolvidas na mediação. A respeito disso, observemos a reflexão de Farias:

[a mediação] empregada como fator de aproximação, pode ser problemática, especialmente quando ela, no afã de estabelecer a ponte entre a obra e o público, incorre em estratégias simplificadoras, traindo exatamente aquilo que pretende defender. Ora, a mediação não pode incorrer na simplificação do processo que se estabelece entre público e obra, não pode pretender reduzir a complexidade do trabalho que está sendo apresentado. Ela tem que garantir que a obra seja apresentada em toda a sua plenitude, fruída da melhor maneira possível. (FARIAS, 2007, p. 67)

O conceito de mediação cultural envolve várias questões e é preciso refletir sobre suas implicações e aplicações, buscando outras maneiras de se pensar as relações institucionais dentro do sistema das artes e, mais especificamente, dentro da atuação dos arte-educadores com os públicos. O olhar dos públicos e suas experiências de vida são fatores importantes a serem considerados. Em uma visita mediada, o tempo de observação do espectador pode revelar o que ele enxerga na obra, gerando questionamentos e possibilitando diálogos construtivos entre arte-educadores, obras e pú-

blicos.

Em uma mediação, os arte-educadores através do diálogo e da escuta também promove uma troca com os públicos, levando-os a serem provocados a explorar e a descobrir novos sentidos para cada trabalho em exposição. Essa provocação é segundo Martins:

Provocação, não é imposição de ideias, mas leva o aluno (público em geral) a perceber ângulos inusitados com diferentes perspectivas de seu próprio pensamento. Ampliação de conhecimento tem que fazer sentido e relacionar com experiências para desenvolver o estético estimulando e ressignificando o conhecimento. (MARTINS, 2007, p.76)

A mediação cultural é estudada em diversas partes do mundo, onde as instituições buscam elaborar formas de receberem seus públicos, refletindo e apresentando outros conceitos para a sua aplicação. Para a pesquisadora alemã Carmen Mörsch:

Mediação cultural é entendida menos como transmissão de conhecimento e mais como o ato de formar relações de troca mútua entre públicos, obras, artistas e instituições. Sob esse entendimento, o objetivo da mediação cultural é colocar as várias perspectivas diferentes envolvidas em relação a um e outro. Essas atividades enfocam a percepção individual de obras de arte e participantes. (MÖRSCH, 2012, p.18, tradução nossa)

Podemos observar que em uma visita mediada, o arte-educador pode buscar usar de seus conhecimentos em artes, mas não com o objetivo de explicar, pois explicações podem ser pessoais e isso pode fazer com que os públicos não tenham suas próprias experiências. As pessoas que visitam as exposições podem ser de diversas origens, raças e idades, apresentando conhecimentos e culturas diferentes. Esses aspectos precisam ser observados para buscar diversas formas de diálogos possíveis.

A arte contemporânea, com sua diversidade de linguagens e conceitos, traz questões que poderiam ser mais discutidas por meio da mediação, possibilitando trocas de ideias, informações e opiniões. O espaço para troca pode ser um bom momento da mediação, onde a aproximação com os públicos pode acontecer estimulando as várias alternativas de aprendizado, buscando colocar o público espectador das artes visuais como um sujeito ativo nos contextos produzidos pelos trabalhos e criando relações de pertencimento e entendimento com os espaços expositivos. As relações entre arte e educação são de fundamental importância para ampliar os significados de uma mostra de artes, principalmente de arte contemporânea, que podem provocar o pensar e o ficar atento ao que nos rodeia.

O momento da mediação pode ser muito relevante para abordagens de temas em voga na contemporaneidade, possibilitando aos visitantes a expressão de suas ideias sobre as obras, seus significados e representações. Isso pode ser muito significativo e construtivo para todas as pessoas envolvidas na ação mediadora. Sendo assim, é muito importante pensar a formação dos arte-educadores para atuarem nas exposições, trabalhando conteúdos pedagógicos e estudando questões conceituais e contextuais que uma exposição pode trazer. O conhecimento de cada um pode ser explorado pelos profissionais do setor educativo para ser trabalhado com os públicos, pois isso pode

ajudar na interpretação das obras a serem visitadas nas exposições, sem interferir ou induzir o pensamento e a livre interpretação dos públicos. Sobre isso, Barbosa diz:

[...] interpretar uma exposição é um processo tão complexo e dialético quanto interpretar um quadro ou uma escultura. Ao arte-educador compete ajudar o público a encontrar seu caminho interpretativo e não impor a intenção do curador, da mesma maneira que a atitude de adivinhar a intencionalidade do artista foi derrogada pela priorização da leitura do objeto estético, por ele produzido. (BARBOSA, 1989, p. 126)

As ações educativas podem provocar os públicos a descobrir caminhos que ele ainda não havia percebido, gerar curiosidade sobre os objetos artísticos e, a partir disso, criar uma rede de sentidos que proporcionem novas experiências e aproximações. Visitar uma exposição em um museu ou centro cultural é considerado, na atualidade, uma atividade educativa, não precisando necessariamente haver um roteiro pré-estabelecido, podendo o arte-educador elaborar roteiros temáticos dentro das exposições, permitindo aos diferentes públicos explorarem outros recortes de uma mostra de artes visuais.

A mediação em artes, como ação educativa, pode usar de estratégias que se utilizem do próprio espaço expositivo para proporcionar experiências tanto sensoriais como reflexivas. A mediação não é somente a ação desenvolvida pelo arte-educador. Ela se faz de outras formas também, como, por exemplo, na elaboração de uma expografia que facilite o acesso e a exploração do espaço pelo público. De acordo com Tojal:

A concepção de uma expografia, dentro do modelo emergente - que amplie o diálogo e a participação mais integral do público com o objeto cultural - deve contemplar tanto a mediação indireta, isto é, toda a forma de comunicação previamente concebida para aquele espaço expositivo (seleção dos objetos, textos, etiquetas, montagem, iluminação, recursos de apoio, multimeios, entre outros), como também a mediação direta, desempenhada pela ação educativa, contando com a participação do profissional educador e do público durante a sua visita à exposição. (TOJAL, 2007, p. 96)

A experiência estética com as artes visuais parte, em muitos casos, primeiramente do olhar. A questão fundamental está na relação entre arte e consciência, que implica paralelamente num conceito de arte como experiência sujeito/objeto (VERGARA, 1996). O objeto artístico pode estar carregado de significados que podem ser descobertos e interpretados de diversos modos, ao mesmo tempo em que a exploração dos sentidos possíveis de uma obra em um espaço expositivo desperta sensações que são únicas em cada espectador. A mediação como ação educativa pode fazer os públicos pensarem a arte como experiência, possibilitando a cada indivíduo estar em contato direto com as obras de arte, no sentido de explorar não só a sua materialidade, mas de ver a arte e pensar nas experiências de vida, pensar que os artistas exprimem em suas obras questões relacionadas às vivências do cotidiano.

As aproximações entre os públicos e as obras podem acontecer pela relação estético/sensorial, mas não podemos ignorar que em alguns trabalhos da arte contemporânea existem conceitos e con-



textos implícitos nas obras que não são percebidos durante as visitas e é necessário, por meio de mediações, promover a visão dos públicos para essas questões que são parte dos trabalhos.

## Considerações finais

A partir das questões apresentadas, podemos pensar como a curadoria educativa e as estratégias de mediação propiciam aos públicos experiências mais significativas com as artes visuais de modo a contribuir com o processo de construção de conhecimentos, e possibilitar a formação de novos públicos. Permite às pessoas terem contato com a arte em uma aproximação com a sua cultura e com os demais indivíduos, apresentando novas formas de perceber coisas diferentes e compreender melhor os trabalhos artísticos, gerando o interesse em procurar e frequentar espaços de arte e cultura.

Conclui-se que a mediação enquanto ação educativa tem papel fundamental no processo de educação, pois provoca os públicos a investigar e analisar os trabalhos, proporcionando uma leitura estética e conceitual das obras. Esse entendimento contribui para o processo pedagógico/criativo e para a fruição da obra de arte. Nas metodologias empregadas na mediação em artes visuais é importante criar condições para novas possibilidades interpretativas, tendo em vista que uma visita a exposições pode apresentar novas oportunidades de aprendizado para cada indivíduo. Revelando assim seu ponto de vista, exigindo dos públicos uma atitude de investigação, levando-os a aprender com suas descobertas, e possibilidades de aprendizado.

Assim, o contato com as obras, dinamizado por ações educativas como a mediação, podem partir de uma curadoria educativa, e levar os públicos a terem experiências transformadoras de caráter universal com as exposições de artes visuais.

## Referências Bibliográficas:

- ALVES, Cauê. **A curadoria como historicidade viva**. In: RAMOS, Alexandre Dias (Org.). Sobre o ofício do curador. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **Educação em museus: termos que revelam preconceitos**. Diálogos entre arte e público, Recife, v. 1, p. 30-34, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação em um museu de arte**. Revista da Usp, São Paulo, n 2, p.125-132, jun. 1989.
- BARBOSA, Neília Marcelina; OLIVEIRA, Anna Luiza Barcellos de; TICLE, Maria Letícia Silva. **Ação Educativa em Museus: Caderno 04**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/ Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.
- CAMNITZER, Luiz. Introdução. In: PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; CAMNITZER, Luis (org.). **Educação para a arte, arte para a educação**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea uma introdução**. SP: Martins, 2005.
- CERVETTO, Renata; LÓPEZ, Miguel. (Org.), et al. **Agite antes de usar: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina**. Editora: Edições Sesc; Edição: 1, 2018.
- FARIAS, Agnaldo. **Entre a potência da arte e sua ativação cultural: a curadoria educativa**. In: MARTINS, Mirian Celeste, EGAS, Olga e SCHULTZE, Ana. Mediando [con]tatos com arte e cultura. São Paulo: Pós-graduação do Instituto de Artes/Unesp, 2007, p. 67.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HOFF, Mônica. **Curadoria pedagógica, metodologias artísticas, formação e permanência: a virada educativa da Bienal do Mercosul**. In: HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (Orgs.). Pedagogia no campo expandido. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. p.113-123.
- MARANDINO, Martha. (Org.), **Educação em museus: a mediação em foco** - São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.

Dossiê:  
A História da Arte e das Artes Plásticas nas narrativas sobre curadorias e exposições

MARTINEZ, Elisa de Souza. **Curadoria e expografia em abordagem semiótica**. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – 24 a 28 de setembro de 2007 – Florianópolis. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/002.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2020.

MARTINS, Luciana Conrado. (Org.). **Que público é esse? Formação de públicos de Museus e Centros Culturais...** [et al.]. – 1. ed. - São Paulo: Percebe, 2013.

MARTINS, Miriam Celeste. **Mediação: estudos iniciais de um conceito**. Blogspot.com. 27 de Junho. 2007, pág. 76. Disponível em: <http://equipearte.blogspot.com/2007/06/mediaoestudos-iniciais-de-um-conceito.html>. Acesso em: 26 out. 2020.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). **Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação** – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27. Disponível em: [http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador\\_Texto\\_Curadoria-Educativa.pdf](http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf). Acesso em: 10 out. 2020.

MARTINS, Mirian Celeste. **Curadoria educativa: dispositivos para encontros**. In: Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos. 2. ed. /organização de Mirian Celeste Martins. – São Paulo: Terracota Editora, 2018. – (Série &arte&educação&cultura&).

MARTINS, Mirian Celeste. In; **Caderno da Política Nacional de Educação Museal** - PNEM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MARTINS, Mirian Celeste. **Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terra Cota Editora, 2014.

MÖRSCH, Carmen. **Time for Cultural Mediation**. Zurich: Institute for Art Education of Zurich University of Arts, 2012. Disponível em: <[https://prohelvetia.ch/app/uploads/2017/09/tfc\\_m\\_0\\_complete\\_publication.pdf](https://prohelvetia.ch/app/uploads/2017/09/tfc_m_0_complete_publication.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. Editora: WMF Martins Fontes. SP. 2012.

SHEIKH, Simon. **Sobre a produção de públicos ou: arte e política em um mundo fragmentado**. In: PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; CAMNITZER, Luis (org.). Educação para a arte, arte para a educação. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.

TOJAL, Amanda Fonseca. **Políticas públicas de inclusão e públicos especiais em museus**. Tese de Doutorado em Ciências da informação. ECA/USP: 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/publico/AmandaTojal.pdf>. Acesso em: 08 out. 2020.

VERGARA, Luiz Guilherme. **Curadoria educativa: Percepção Imaginativa/Consciência do Olhar**. In: Caderno de Mediação. Pablo Helguera (org.). Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. p. 57-60.

VERGARA, Luiz Guilherme. **Curadorias Educativas**. Rio de Janeiro- Anais ANPAP, 1996. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/105.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2020.